

Lago pede socorro

Vítima de assoreamento, o Paranoá já perdeu 5% de sua área e corre risco de vida

ESTUDO REVELA
QUE EM 2005 A
CAPACIDADE DE
SUPORTE DA
BACIA CHEGARÁ
A SEU LIMITE

MARIA EUGÊNIA

Um dos principais cartões postais da capital da República, o Lago Paranoá está morrendo aos poucos. Ele que já foi impróprio para o banho, em função da péssima qualidade de suas águas, teve sua balneabilidade recuperada nas décadas de 80 e 90. Mesmo assim, ainda corre risco de vida. Com seu volume de água reduzido a cada ano por conta do assoreamento, hoje o lago está 5% menor do que em 1959, quando foi construído. E pede socorro.

Mas esse socorro tem que vir rapidamente. Estudo realizado pela Companhia de Desenvolvimento do Planalto (Codeplan), Instituto de Planejamento do DF (IPDF) e Companhia de Águas e Esgoto (Caesb) revela que em 2005 esgota-se a capacidade de suporte da Bacia do Paranoá, quando a população existen-



FERNANDO Fonseca, diretor do IEMA, mostra como aterros e lixo reduziram a profundidade do lago, perto da ponte do Braghetto

te na região, hoje superior a 600 mil, atingir os 760 mil habitantes. Isto quer dizer que daqui a cinco anos o Lago Paranoá estará no limite para se manter nas condições para as quais foi criado: recreação e

paisagismo.

Outro estudo, este realizado pelo Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema), compara o Lago Paranoá à Lagoa Rodrigues de Freitas, cartão postal da cidade do

Rio de Janeiro: embora continue bonita por fora, a lagoa está completamente poluída, impedindo que a população carioca a utilize como espaço de lazer. O estudo questiona: serão o Lago Paranoá e a La-

goa Rodrigues de Freitas passageiros da mesma agonia?

As respostas preocupam. Os indícios de que a qualidade de vida do Paranoá está ameaçada são muitos. Segundo dados do Iema, cerca de

80% das casas no Lago Norte que fazem vizinhança com a orla do Paranoá avançaram seus terrenos sobre as águas. O número cai para 50% no Lago Sul. "Isso é a privatização do Paranoá", desabafa Fernando Fonseca, diretor-geral do Iema. A equipe do **Jornal de Brasília** percorreu trechos da orla do Paranoá e confirmou os diversos avanços. Em alguns lugares, muros e cercas foram construídos sobre as águas, transformando lotes originalmente de 800 metros quadrados em mansões instaladas em áreas de quase três mil metros quadrados.

A reportagem presenciou tratores fazendo aterros proibidos às margens do Paranoá, ação que contribui para a redução do espelho d'água. E lixo, muito lixo, jogado às margens da paisagem mais bucólica da cidade, na visão do urbanista Lúcio Costa; ou carregados para o lago em época de chuva, em função da ausência de galerias pluviais. Ao chegar à ponte do Braghetto, onde os resíduos sólidos tomam o lugar das águas, Fernando Fonseca não se conteve: "Se continuar assim, esta ponte será desnecessária em pouco tempo, porque vamos perder esse braço".

FRANCISCO STUCKERT